

Roberto Carneiro

Coordenador do Observatório da Imigração

Robert Kegan é um dos mais notáveis psicólogos do desenvolvimento da contemporaneidade. Autor do célebre livro *The Evolving Self* (1982), em que propõe seis estádios para o desenvolvimento humano – incorporativo, impulsivo, imperial, interpessoal, e interindividual – Kegan é professor de Educação de Adultos na Universidade de Harvard e cofundador de MINDS AT WORK®, uma iniciativa que visa ajudar pessoas e organizações a atingir a excelência.

Num artigo recente, Kegan contraria os pessimistas históricos que só detetam sintomas de declínio na humanidade, de geração para geração.

O reputado académico e psicólogo diz que, bem pelo contrário, nunca a humanidade esteve tão perto de protagonizar um verdadeiro salto quântico de progresso. Para isso, bastaria, argumenta Kegan, descobrir uma forma de transferir toda a experiência dos seniores para as novas gerações.

Com efeito, segundo o autor, nunca o género humano dispôs de tanta experiência acumulada no seu seio, pelo simples facto de as pessoas viverem hoje mais tempo do que em qualquer outra época e de o fazerem com qualidade física e mental. Esta evolução biológica cria verdadeiras bibliotecas humanas à disposição dos mais jovens que com elas queiram aprender a viver e a aproveitar aquele *corpus* de sabedoria profunda que só os anos permitem acumular.

Evoco Robert Kegan – e o seu pensamento revitalizante – a propósito do Ano Europeu que comemoramos em 2012. Celebramos neste ano os idosos (os “maiores” na expressiva semântica castelhana) e, sobretudo, o envelhecimento ativo, isto é, uma nova primavera da vida outonal feita de utilidade social e de entrega pessoal a trabalhos de que só os mais sábios se deveriam encarregar. Será curioso lembrar a veneração helénica dos *filósofos* (amigos da sabedoria) a quem deveria ser confiada a responsabilidade pela condução dos destinos do povo e pela efetivação do bem comum.

Neste volume da Revista Migrações o foco de análise é ainda mais preciso.

Mercê do hábil bisturi analítico do investigador e professor Fernando Luís Machado, amigo e colaborador assíduo do Observatório da Imigração, a presente edição temática está recheada de contribuições valiosas para a descodificação do binómio “imigrante” e “envelhecimento ativo”.

Com efeito, ao envelhecimento, com o cortejo de mais-valias que atrás evoco, junta-se agora a condição de imigrante. Acresce, assim, ao interesse óbvio que cada geração tem em não desperdiçar o capital de sabedoria dos mais velhos, o valor do contacto privilegiado com o outro diferente, portador de identidade, memória, história, geografia, afetos, emoções e crenças, distintas das que fazem o padrão à minha volta

e que se oferece a mim, nativo e autóctone, como matéria-prima de inestimável valor para com ela aprender a condição humana.

Todavia, ao mistério da diversidade sobrepõe-se o mistério da semelhança que nos faz a todos coparticipantes na epopeia da história humana e, embora diferentes, unidos no essencial: no amor, na compaixão, na tristeza, no medo, na busca incessante de felicidade, na vida como na morte.

Dialogar com o diferente é, pois, um desafio, assim como ouvir o semelhante se oferece como uma elementar obrigação.

O idoso imigrante oferece-se-nos como um fenómeno novo.

País de imigração relativamente recente – característica em que Portugal não difere muito dos seus vizinhos do sul da Europa – começa-se a assistir, no seu seio, a fenómenos de “sedentarização migrante” que fazem emergir esta nova categoria analítica de concidadãos – idosos imigrantes.

Trata-se de um fenómeno sociológico rico de surpresas para quem o queira estudar. E é isto que a Revista Migrações vos propõe.

Um novo olhar, uma abordagem fresca, um campo fértil de indagação, um horizonte de questões novas de investigação, que são merecedores de uma abordagem aprofundada, embora reconhecidamente seminal, neste número da Revista.

Cumpra-nos, em nome do Observatório da Imigração, dizer um caloroso muito obrigado ao Professor Fernando Luís Machado por ter decidido aceitar, com a sua proverbial generosidade, o desafio difícil que lhe pusemos. Reconhecimento que é, obrigatoriamente, extensível a todos os investigadores e autores que nos dão o gosto, e o proveito, da sua colaboração rigorosa, competente e atual, para a feitura desta edição.

Ficamos com uma dívida de gratidão relativamente a todos os colaboradores desta Migrações.

Bem hajam pela vossa participação ativa na aventura de ajudar a desvendar um pouco daquilo que se pode, desde já, descortinar por detrás da nebulosa que envolve o imigrante idoso e a sua contingência.

O caminho está aberto.

Caberá à comunidade científica continuá-lo aceitando o desafio que a Revista Migrações agora oportunamente lhe coloca.